

VIVÊNCIAS COM A TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E ESTÁGIO NÃO ESCOLAR

Bruna Santos Aguiar¹
Diana Guimarães Benevides²
Eugênia da Silva Pereira³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo socializar uma experiência de pesquisa e estágio não formal do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, realizado no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da cidade de Pindaí-Bahia com três grupos da terceira idade, sendo um na sede e dois nas comunidades rurais. Discutimos sobre as concepções de educação, com destaque para a educação não formal para posteriormente, apresentar a experiência, os sujeitos e a proposta desenvolvida, bem como os aprendizados e conhecimentos adquiridos ao longo do processo de intervenção. Concluímos que a experiência de estágio possibilitou ampliar nossa visão sobre a atuação de pedagogos e pedagogas e perceber a importância desse profissional nos diversos espaços em que há práticas educativas.

Palavras-Chave: Estágio não formal. CRAS. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem o objetivo de socializar uma experiência de Pesquisa e Estágio em espaços não formais, do 5º semestre de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Este componente curricular tem como finalidade criar condições para atuação do/a pedagogo/a nos espaços não escolares a partir de práticas educativas com sujeitos diferentes, sejam crianças, jovens e/ou adultos e idosos. Sendo assim, o estágio nos proporcionou a oportunidade de vivenciar uma experiência com um grupo de convivência do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da cidade de Pindaí-Bahia, com ênfase nas pessoas idosas. Ao observar este espaço percebemos o interesse dos sujeitos pela corporeidade e ludicidade, assim propomos o tema “vivências, corporeidade e ludicidade no grupo de idosos”, que possibilitou aos idosos vivenciar atividades pedagógicas a partir de seus conhecimentos e experiências

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*. E-mail: bruna2015santos@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XII*. E-mail: dianaguimaraes1307@outlook.com

³ Professora orientadora. Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus XII*. E-mail: eniagbi@hotmail.com

adquiridas ao longo das suas vidas, explorando a corporeidade e sua socialização em grupo. O interesse em estagiar nesse espaço se deu a partir da nossa experiência no semestre anterior, com a observação desse grupo da terceira idade para realização de um trabalho do componente “Terceira idade”.

Assim, relatamos a experiência a partir de três eixos: primeiro discutimos sobre as concepções de educação com ênfase na educação não formal e o papel do educador social; Posteriormente apresentamos a experiência com o grupo de idosos, bem como o projeto de intervenção e as impressões que tivemos quanto ao espaço que realizamos o estágio; E, por fim, abordamos as considerações finais.

2 PERSPECTIVAS DE EDUCAÇÃO EM CONTEXTO FORMAL E NÃO FORMAL

Estamos a todo momento aprendendo algo novo ou aprofundando naquilo que já conhecemos. A educação se insere nesse contexto de interação social e revela que a escola não é o único lugar onde os processos educativos acontecem. Brandão (2007, p.9) diz que “não há uma forma única, nem um modelo único de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”, sendo assim, qualquer espaço pode ser considerado um lugar para se educar. O autor ainda diz que a missão da educação é transformar sujeitos e mundos, com isso podemos pensar que independente dos espaços que ocupamos sempre estaremos transformando vidas.

Ressaltamos que não negamos a importância da educação escolar nem pretendemos fazer comparação, mas discutir as concepções de educação em contextos diversos. Segundo Gohn (2010, p. 15),

[...] podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende no “mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.

Assim, a educação formal descrita nas palavras de Gohn se refere à educação escolar. Já a educação não formal não provem da família, nem de qualquer tipo de sistema escolar. Todo mundo pensa que a escola é o único meio de se adquirir uma boa educação, pois engana-se quem pensa isso, pois, a escola nem sempre existiu, e nem tinha a capacidade de abrigar a



demanda da sociedade que precisava ir para a escola, por esse motivo tiveram que procurar alternativas para poderem, de certa forma, criar instituições que procuravam trabalhar com pessoas que não tinham uma oportunidade de adentrar numa escola e obter uma educação de qualidade. Porém, não significava que esse modelo de educação por não ser dado em uma escola que seria contra o que ensinavam nela, mas trabalhariam para complementá-la e ajudar a crescente demanda que ali existia.

Segundo Gohn (2008 p.98), “a educação não formal designa um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangências.” Esses processos envolvem educação sobre a política dos direitos dos indivíduos, capacitação para o trabalho, organização dos objetos comunitários que tem como finalidade resolver problemas do cotidiano de cada um e, por último, aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, porém são aplicadas de formas e espaços diferenciados. Na educação formal estes espaços são:

Os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais. (GOHN, 2010, p.17)

Desse modo, ambas são trabalhadas em lugares distintos, porém com a mesma finalidade de educar. Neste contexto se insere o educador social, mediador ou animador de um grupo, é o que promove diálogo, quem planeja as atividades e constrói todo o trabalho com a participação do grupo, utilizando das ferramentas pedagógicas para integrar todos os indivíduos.

A experiência de pesquisa e estágio com a terceira idade relatada neste texto partiu da compreensão e perspectiva da educação não formal e da formação de pedagogos/as enquanto um educador social que planeja e desenvolve práticas educativas com sujeitos idosos, considerando suas especificidades.

3 O CONTEXTO DA PESQUISA-ESTÁGIO: DA OBSERVAÇÃO À INTERVENÇÃO

O grupo de convivência dos idosos em que realizamos o estágio é de responsabilidade do CRAS de Pindaí-Bahia, sendo ao todo 8 (oito) grupos, porém realizamos a pesquisa e estágio em apenas 3 (três), em decorrência do horário dos outros grupos, pois coincidia com o turno em que estávamos em aula na universidade. Inicialmente, acompanhamos o grupo como



observadoras-participantes para conhecer melhor o trabalho desenvolvido e propor uma intervenção que dialogasse com a necessidade das pessoas participantes. Uma primeira questão identificada foi que o grupo não era composto apenas por idosos e por isso as atividades propostas contemplaram também outros/as participantes. Após a observação, elaboramos um projeto de intervenção com acompanhamento da professora de estágio, apresentamos a proposta aos integrantes do CRAS e na sequência iniciamos as intervenções.

Os três grupos aconteciam na sede e em duas comunidades rurais do Jacu e Tanque. Na segunda-feira acontecia na comunidade do Jacu onde participam mulheres de todas as idades acompanhadas de seus filhos e netos, totalizando 30 mulheres cadastradas no grupo. Na terça-feira e na quinta-feira o grupo acontecia na sede, com a participação apenas dos idosos, tanto homens quanto mulheres, nesse grupo participam ao todo 60 idosos. Na comunidade do Tanque íamos às quartas-feiras onde participam apenas mulheres idosas, sendo ao todo 30 mulheres.

Os encontros da sede são realizados no Centro Comunitário de Múltiplo Uso, na comunidade do Jacú e é realizado embaixo de um pé de algaroba⁴ que fica em frente a uma escola desativada. Já na comunidade do Tanque é realizado no pátio de uma creche, pois a mesma só funciona pela manhã, sendo assim todos os encontros são realizados no horário das 15 horas, para as comunidades rurais o CRAS disponibiliza um veículo para transporte de quem realizará o encontro.

O grupo tem como finalidade proporcionar às pessoas idosas atividades físicas e pedagógicas que contribuam para sua socialização em coletivo. Muitos idosos participam desses grupos para poderem se distrair e esquecerem um pouco dos problemas do cotidiano.

Em dezembro de 2019 começamos nossa observação nos grupos, então logo percebemos que eles não gostavam de ficarem parados, portanto, as atividades pensadas foram escolhidas especialmente para que não fugisse do que o grupo tinha o costume de fazer, pois eles gostam muito das atividades desenvolvidas pela fisioterapeuta responsável. Por isso, pensamos em jogos e atividades em que pudessem brincar, se divertir e se exercitar como de costume.

Deste modo, no início de cada encontro realizamos exercícios de alongamentos e posteriormente as dinâmicas. A primeira dinâmica realizada da teia com barbante (figura 1), onde cada participante segurava uma ponta do barbante, se apresentava, falava uma qualidade

⁴ Algaroba é uma planta nativa da região semiárida do Nordeste e é muito comum na nossa região, utilizada inclusive para alimentação do gado.

sua e também o que esperava para o futuro próximo, este momento foi de extrema importância para conhecermos os sujeitos e também para eles se conhecerem.

Em outro momento foram realizadas dinâmicas com garrafas pet, sendo a dança da cadeira e o boliche (figura 2), em que foram trabalhados os movimentos corporais, a agilidade e a concentração. Logo depois realizamos a brincadeira da bexiga (figura 3), e os participantes em dupla tinham que dançar com a bexiga sem deixarem cair, estourar ou usar as mãos, assim possibilitou aos idosos dançarem, interagirem, cooperarem entre si e se concentrarem.

Figura 1: dinâmica da teia de barbante



Foto: arquivo das estagiárias

Figura 2: dinâmica da dança da cadeira



Foto: arquivo das estagiárias

Figura 3: dinâmica com bexigas



Foto: arquivo das estagiárias

As imagens mostram o ambiente em que são feitos os encontros, algumas dinâmicas que foram realizadas, assim como os sujeitos participantes. Conseguimos alcançar o resultado esperado em cada dinâmica, sendo necessário planejamento cuidadoso por conta do espaço, do tempo e do número de pessoas que participavam por dia.



Quando realizamos as atividades propostas para o estágio percebemos as possibilidades de atuação como pedagogas em espaços com sujeitos tão diversos, pois o que aprendemos ali serão ensinamentos que levaremos para toda vida, considerando também as amizades que fizemos, os laços que foram estreitados com quem já conhecíamos e o sentimento que fizemos tudo que estava ao nosso alcance, nos dedicando da melhor forma possível.

Cada passo dado na nossa intervenção foi revelado o quanto teoria e prática andam juntas e como cada componente curricular cursado até a caminhada presente é de suma importância, e para nós a disciplina de Corporeidade e Ludicidade foi o ponto de direção no nosso estágio, pois muitas coisas que aprendemos em sala de aula conseguimos utilizar na proposta.

Sendo assim, o que aprendemos com cada pessoa que encontramos, as histórias e os relatos de vida que escutamos de como era bom estar ali, esquecer os problemas, se exercitar porque muitos ali não tem condições financeiras de pagar por uma fisioterapia, de estar ali para rever os amigos de longa data. Cada sorriso dado, todo agradecimento e abraço que recebíamos ao final de cada encontro, nos faz pensar o quanto é bom ser pedagogas, o quanto ensinar, brincar e aprender engrandece nosso ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo que foi dito, acreditamos que nossa experiência de pesquisa e estágio não formal foi de suma importância para nós, como futuras pedagogas, pois as aprendizagens foram muitas. Nós aprendemos que ser pedagoga é muito mais do que estar entre quatro paredes dando aula, aprendemos que é possível levar conhecimento e aprendizagem para outras pessoas fora do ambiente escolar, entender que o brincar também ensina, e ver o quão gratificante é essa profissão. Estar ali fazendo a diferença na vida de tantas pessoas nos fez entender o que a pedagogia é capaz, e tirar da nossa cabeça de que essa profissão não é menor do que outras, ela é tão importante quanto, se não a mais importante.

Observar o grupo da terceira idade foi maravilhoso, ver quão valioso é estar ali, embora as dificuldades que encontramos no caminho para concluirmos nosso estágio. O que aprendemos ali, levaremos pra vida toda, as aprendizagens, os conhecimentos adquiridos, os amigos que fizemos, os exercícios feitos, as risadas, o companheirismo. Estagiar nesse grupo nos fez enxergar a terceira idade de outra forma, de que os mais velhos não tem que ficar em casa sem fazer nada, pelo contrário estar ali para eles é um estímulo para continuar sua jornada cada dia mais saudável, e poder estar de alguma forma contribuindo para que sua vida não seja

tão sem graça como muitos imaginam. Aprendemos que ser pedagoga é fazer a diferença seja, em sala de aula ou em outro espaço, dando aula para crianças ou construindo práticas educativas com os idosos.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. v.1. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.